

MINERAÇÃO

Apenas 250 metros separam uma das maiores extratoras de ouro do mundo e o município mineiro. Segundo especialistas, proximidade põe em risco o meio ambiente e a saúde da população. Estudos mostram que o arsênio presente na poeira pode ser absorvido pelo corpo

» MARIANA LABOISSIÈRE
ENVIADA ESPECIAL

Paracatu (MG) — A 200km da capital da República, moradores da cidade mineira de Paracatu vivem dias de preocupação. Em quase 30 anos de exploração de ouro na região por mineradoras, nunca se falou tanto sobre os riscos da atividade aos recursos naturais e à população, que convive lado a lado com a maior extratora do país nesse segmento, sob o comando, desde 2005, da empresa canadense Kinross Gold Corporation. Apenas 250 metros separam a área, de mais de 11,9 mil hectares, da zona urbana, fator considerado alarmante, segundo especialistas. Tal situação alimentou denúncias nas redes sociais e na mídia sobre altos índices de câncer no município, fruto de uma suposta contaminação em massa provocada pelo arsênio — substância liberada no processo de retirada do ouro. Textos publicados em sites e blogs alertando sobre os riscos na região foram compartilhados por milhares de internautas nos últimos meses. A direção da empresa garante que as acusações são infundadas.

A reportagem do **Correio** esteve em Paracatu na última semana. Ao chegar pela BR-040, um terreno acinzentado, à esquerda, logo chama a atenção. Ao redor dele, barragens de rejeito, onde são depositados resíduos líquidos e sólidos, decorrentes do processo de extração do ouro, parecem uma grande lagoa. Prédios e casas se misturam à paisagem, logo ao fundo. As barreiras físicas que separam a cidade de empreendimento não são claras, assim como as partículas liberadas no processo para aquisição do minério, como explica o geólogo e mestre em Planejamento e Gestão Ambiental Márcio José dos Santos.

“O ouro está contido dentro da rocha, mas, muitas vezes, está agregado aos minerais, principalmente aos sulfetos, que são compostos de enxofre e ferro, como é o caso do sulfeto de arsênio — um mineral conhecido como arsenopirita. Quando sofre a ação do tempo (intemperismo), ele se oxida e o ouro fica livre. Nesse processo natural, o arsênio também é liberado, mas não é absorvido pelo corpo humano”, ensina.

Não é o que tem ocorrido em Paracatu, segundo o cientista, que é morador da cidade. Ele explica que, diferentemente do que ocorria na época dos garimpos, a chegada das mineradoras trouxe com elas um processo de extração perigoso: a cianetação. “Quando se destrói a rocha, libera-se arsênio em diferentes estados de valência. Para se retirar 1g de ouro, são liberados até 7kg de arsênio nessas condições. O mais letal deles é o trióxido de arsênio, um dos componentes liberados quando se ataca a arsenopirita.” O geólogo frisa que resultados de estudos recentes, feitos pela Universidade de Lavras, mostram que o arsênio presente na poeira de Paracatu está biodisponível, isto é, pode ser absorvido pelo corpo.

O risco da vizinhança entre o município de Paracatu e a Kinross também é citado pelo professor Claudinei Gouveia de Oliveira, do Departamento de Geoquímica e Recursos Minerais da Universidade de Brasília (UnB). “A atividade causa dano ao meio ambiente. Afinal, estamos falando de uma mineração a céu aberto. Ela demanda uma movimentação de massa muito grande para o baixo teor de ouro adquirido. Embora as mineradoras dessa natureza sejam mais econômicas para a empresa, elas causam grandes problemas à sociedade. Poluição, barulho, doenças, problemas urbanos”, exemplifica.

“A medida que a mineração vai evoluindo, o lençol freático vai sendo

rebaixado. Então, a água é drenada de diferentes locais e há um risco de se secar um manancial. Sem falar nas barragens de rejeito, onde deve ser feito um monitoramento constante, para não haver vazamento. Se todas as medidas não forem tomadas, com cuidado redobrado, pode acontecer rompimento de barragem e resultar em um desastre ambiental. Sou a favorável à mineração, e essa traz grandes benefícios econômicos ao município, mas a sociedade deve decidir se, no momento, é algo interessante”, conclui Claudinei.

Sobre as denúncias, a Kinross se defende amparada em conclusões de estudos do Centro Tecnológico Mineral (Cetem), unidade de pesquisa do Ministério

da Ciência, Tecnologia e Inovação, encomendados pela Prefeitura de Paracatu, que também contesta o perigo. O estudo que teve início em 2011 e foi finalizado em 2013 atestou “baixos teores de arsênio em águas de abastecimentos doméstico e em material particulado na atmosfera, faixas esperadas para áreas urbanas, mas com maiores teores em áreas próximas à mineração de ouro”. Mas o estudo é contestado por ativistas e estudiosos da região, que usam dados do próprio documento para reafirmar o perigo. Procurada, a assessoria de imprensa do Cetem informou que os pesquisadores envolvidos no estudo estão fazendo novas análises e detalhamentos do documento para dar novos esclarecimentos à comunidade.

A Kinross é alvo de ações **Justiça** entre elas uma civil pública protocolada por uma entidade da cidade. O **Correio** esteve na Procuradoria de Justiça de Paracatu, mas não conseguiu informações sobre o processo. “Eu não oficiava em meio ambiente nessa época, mas a Fundação Acangaú ajuizou uma ação. Isso eu tenho conhecimento, mas os pedidos dessa ação eu não sei falar”, informou o promotor da 2ª Promotoria de Justiça, Paulo Campos Chaves. “Quando começou essa guerra nas redes sociais, encomendamos uma pesquisa pelo Cetem. Pesquisamos cidades minerárias com população parecida à de Paracatu, como é o caso Nova Lima. Os valores estavam dentro do esperado.”

Prejuízo

O Ministério Público Federal (MPF) moveu uma ação civil pública contra a Kinross no ano passado por danos causados ao patrimônio público e ao meio ambiente por extração ilegal de prata. Segundo o órgão, de 1998 a 2010, a empresa explorou e vendeu sem autorização do Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM) 42 toneladas do minério no local, gerando prejuízo de R\$ 57,2 milhões à União. A notícia foi veiculada no **Correio Braziliense** de 5 de junho de 2014.

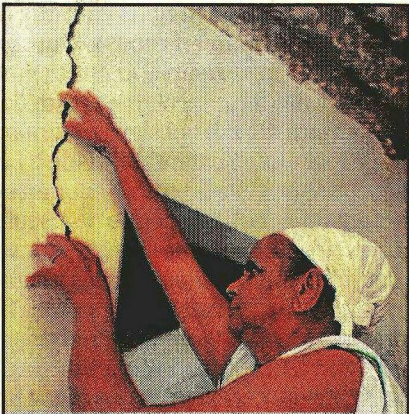
Alerta no ar de Paracatu

Tremores abalam casas

Além das incertezas sobre o arsênio presente no ar e a incidência de câncer, a população de Paracatu é obrigada a conviver com o barulho e os tremores provocados pela explosão das rochas — alvos de uma enxurrada de reclamações na ouvidoria da mineradora. Casas, a maioria de estrutura simples, próximas ao complexo exibem trincas, rachaduras e afundamentos no solo. Embora os moradores confessem incômodo com a situação, muitos aceitam o problema com resignação.

A casa da família Braga, na Rua do Ouro, no bairro Amoreiras, é um exemplo. Localizada a poucos metros da empresa. A matriarca, dona Abadia, tem 71 anos, vive no local há mais de quatro décadas. Ela e o marido, o lavrador aposentado Benedito, 78, não têm dúvidas quanto à fonte das falhas nas estruturas. “Isso é por causa das bombas. A casa toda tem rachaduras. Até vieram aqui para falar que iam reformar, mas sumiram. E a gente não tem condições”, explicou dona Abadia. “Até de madrugada é complicado, por causa do barulho. Mas a gente não tem o que fazer”, completou Seu Benedito.

Ao lado da residência do casal vive o pedreiro Manoel Ferreira Gomes, 63 anos, que faz questão de mostrar a



Dona Abadia Braga mostra as rachaduras nas paredes da casa: bombas são a causa

situação da casa onde mora e os vários consertos já realizados. “Toda hora abre um buraco. Esses dias, a parede da sala tombou e eu tive que arrumar. Minha netinha também viu uma telha quebrar depois da bomba. Antes, não estava daquele jeito”, conta. Segundo Gomes, técnicos da mineradora fizeram visitas à casa dele. “O pior é que eles falam que não tem nada a ver e fica por isso. Mas até o chão está afundando.”

>>> Leia mais na página 20

complemento